

**DANDARA
NO MAPA**

A OCUPAÇÃO QUILOMBO GUERREIRA DANDARA ESTÁ VINCULADA AO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA (MSTB) E FIGA LOCALIZADA NO BAIRRO CASSANGE, EM SALVADOR/BA. A REGIÃO COMPREENDE A DIVISA DA CIDADE DE SALVADOR/BA COM OS MUNICÍPIOS DE LAURO DE FREITAS E SIMÕES FILHO, DISTANTE DA INFRAESTRUTURA URBANA E DOS CENTROS DE SERVIÇOS ESPECIALIZADOS. O NOSSO TRABALHO FOI CONSTRUÍDO COM INTENSA ARTICULAÇÃO COM SOLANGE SANTOS (LIDERANÇA E MORADORA DA OCUPAÇÃO) E COM JULIANA SANTOS (LIDERANÇA DO MSTB), ALÉM DOS DE MAIS MORADORES DA OCUPAÇÃO QUE PARTICIPARAM ATIVAMENTE DE TODO O PROCESSO, E COM ISSO CONSTRUÍRAM CONJUNTAMENTE CONOSCO OS RUMOS E RESULTADOS DESTES TRABALHOS.

AO LONGO DESTES TRABALHOS, TEMOS COMO OBJETIVO APRESENTAR, DE FORMA DESCRITIVA E REFLEXIVA, OS PROCESSOS, ATIVIDADES E DESDOBRAMENTOS RELACIONADOS À NOSSA ATUAÇÃO ENQUANTO GRUPO DE APOIO TÉCNICO JUNTO À OCUPAÇÃO. O TRABALHO, QUE SE INICIOU COM A INTENÇÃO DE CONSTRUÇÃO DE UM PARQUINHO INFANTIL DEMANDADO PELA OCUPAÇÃO, GANHOU CORPO AO SE CRUZAR COM OUTROS AGENTES: O INSTITUTO GOETHE¹ NAS PESSOAS DE CAROLINE RIBEIRO E LIS CORREIA; O GRUPO DE PESQUISA TERRITÓRIOS, HEGEMONIA, PERIFÉRIAS E AUSÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)² NAS PESSOAS DE RAIANE SILVA E CELSO FAVERO; THOMAS OLIVEIRA, BIOCONSTRUTOR BAMBUZEIRO; E O PRÓPRIO MSTB, ALÉM DOS MORADORES DA OCUPAÇÃO.

A TROCA ENTRE REDES DO MOVIMENTO, DE APOIOS E DE APOIADOS SE DESENVOLVEU PROFUNDAMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2021, GERANDO MOMENTOS PRECIOSOS DE LEITURAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA DO TERRITÓRIO. NESSE SENTIDO, FORAM REALIZADAS ATIVIDADES DE LEVANTAMENTO CENSITÁRIO, PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA E ORGANIZAÇÃO DE MUTIRÕES PARA CONSTRUIR E CUIDAR DE ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS COLETIVOS. ESSA CONSTRUÇÃO COLETIVA EM REDE ACABOU SE TORNANDO O OBJETO CENTRAL DESTES TRABALHOS. A PARTIR DISSO, TÊMOS REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIAS QUE MOBILIZAM NOSSA ATUAÇÃO EM REDE, COMO O MÉTODO CARTOGRÁFICO, ATRAVESSANDO O CONCEITO DE RIZOMA DE DELEUZE E GUATTARI; A PESQUISA-AÇÃO, DE THOLLENT; ALÉM DA GEOGRAFIA DOS AFETOS, INTENSIFICADA A CADA ATIVIDADE. COM ISSO, IDENTIFICAMOS OS GANHOS PARA OS DIFERENTES GRUPOS ENVOLVIDOS, PRINCIPALMENTE PARA A LUTA DO DIREITO À MORADIA E MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE DA OCUPAÇÃO.

¹ O Goethe-Institut é o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha. Promovemos o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional.

² O grupo de pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausências (UNEB) é liderado por Celso Favero e faz parte do Adapta Sertão, que desde 2006 está desenvolvendo e testando um conjunto de ações para aumentar a resiliência climática dos produtores familiares que vivem na região semiárida.

Inseridos no contexto de formação da quarta edição da Residência de AU+E/UFBA, nós escolhemos trabalhar de forma voluntária, por aptidão às demandas, envolvimento e afinidade, com ocupações do Movimento Sem Terra da Bahia (MSTB) na cidade de Salvador. Então, desde maio de 2021, temos formado uma intensa relação de assistência e assessoria técnica com a Ocupação Quilombo Guerreira Dandara, localizada no bairro de Cassange. Apesar das dificuldades trazidas pelo contexto pandêmico, nós e os moradores do Quilombo nos posicionamos por uma atuação majoritariamente presencial, que tem se estruturado a partir de redes tecidas entre o MSTB, outros grupos de assessoria e de apoiadores.

Entendemos que ao realizar o trabalho de assessoria técnica, uma leitura completa do território é fundamental para que possamos compreender as necessidades de seus moradores, formas de melhorias para os espaços e também as relações e os conflitos que atuam no local. Para isso, nos movimentos de aproximação ao Quilombo, além de uma observação atenta e uma escuta sensível aos processos, muitas vezes se fez preciso a aplicação de algumas metodologias para que fôssemos capazes de ler o local em sua abrangência. Durante o desenvolvimento desse trabalho, nós procuramos construir um conhecimento sobre o espaço a partir da multiplicidade por observação, vivência, estreitamento das relações e articulações em redes; e também a partir das informações adquiridas pelos instrumentos de mediação utilizados: o censo, fotos, vídeos e mapas.

No decorrer da nossa atuação como assessores, nós nos baseamos nas metodologias de pesquisa-ação, Thiollent (1987), e método cartográfico, nos atravessamentos de Deleuze e Guattari (1980). Ambas metodologias passam pelos princípios de que pesquisar é intervir, não sendo os pesquisadores corpos neutros no território, mas atuando e modificando o campo e o espaço, assim como o campo e as relações de afeto os modificam. Dessa forma, não existe pesquisa imparcial, mas um processo de coprodução mútua e simultânea (SOUZA; FRANCISCO, 2016). Logo, atuamos a partir da experiência conjunta de pesquisador e pesquisado, da proximidade entre eles e das redes que constroem, acrescidos nas sensibilidades, intensidades e respeito mútuo entre os participantes.

O método cartográfico tem sido utilizado por nós para compreensão e atuação em campo, assim como na sistematização do trabalho desenvolvido. Apoiados no conceito de Rizoma trazido pelos filósofos Deleuze e Guattari (1980), entendemos o território a partir do seu complexo sistema de redes que é formado a partir das relações entre os atores envolvidos e o contexto em que estão inseridos.

Já a pesquisa-ação, método também utilizado por nós, é uma pesquisa social implicada na resolução de problemas coletivos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986), com o objetivo de possibilitar aos envolvidos meios de conseguirem responder aos problemas vivenciados com autonomia. Essa metodologia se desenvolve em uma espiral contínua de reflexão e ação que faz com que seja possível uma melhor avaliação e compreensão dos processos envolvidos.

Como a assessoria técnica busca equidade no peso dos conhecimentos dos envolvidos nas suas atividades, sobretudo na troca destes, é de princípio dela a construção de meios para que eles tenham abertura para desenvolver autonomia e conseguir entender e problematizar o seu entorno. Baltazar e Kapp (2016) chamam atenção de que quando se afasta alguém do poder de fala na troca de conhecimentos, seja por imposição ou hierarquia, se acomete a um processo violento que impede que as pessoas saibam o que querem e o que podem querer, se deixam seguir num lugar de passividade às vontades do outro (ARRUDA, 2021).

No âmbito das atividades que temos proposto aos moradores do Quilombo, para agregar e facilitar a geografia dos afetos entre nós, aplicamos algumas Metodologias Integrativas (GIANNELLA, 2013) buscando principalmente a desierarquização no ambiente. Exemplos destas são: a priorização de sempre trabalhar em roda, a fim de proporcionar um ambiente mais confortável para que todas as pessoas envolvidas possam participar ou se pronunciar sobre a atividade desenvolvida e contribuir com uma conversação sem hierarquias estabelecidas no espaço; e o cafezinho comunitário, com finalidade de promover diálogos construtivos em um clima de maior informalidade, aumentando a capacidade coletiva de criar e trocar conhecimento, além de escutar ideias e compartilhar as descobertas.

Assim, a partir das metodologias descritas acima, desenvolvemos atividades junto aos moradores de Dandara para construir coletivamente a cartografia do território ocupado. Neste caderno, iremos descrever como foi feita a base dos mapas desenvolvidos e também como ocorreram as atividades de cartografias sociais que foram realizadas.

FIGURA 1: RATINHO.
FONTE: INSTITUTO GOETHE (2021).



CARTOGRAFANDO A PARTIR DE FOTOGRAFIAS AÉREAS

Com a aplicação do Censo¹ na Ocupação Quilombo Guerreira Dandara, foi iniciado um processo de identificação, análise e descrição dos processos sócio-espaciais junto à comunidade, mesmo que ainda em um nítido distanciamento na geografia dos afetos, dos movimentos e das intensidades (SOUZA; FRANCISCO, 2016). No dia em que o censo foi aplicado, foram feitos voos de drone com os objetivos de criar uma base de dados para auxiliar no processo de desenvolvimento das cartografias junto aos moradores e registrar em fotos e vídeos o momento presente da ocupação. Essa atividade foi feita por um amigo apoiador, Danilo Sena, e foi auxiliada por moradores do quilombo.

O levantamento com auxílio do drone foi feito em 4 etapas. A primeira etapa aconteceu no nosso primeiro dia de visita presencial à ocupação, ela consistiu em pedir aos moradores a autorização para que pudessemos fazer o voo de drone sem sermos desrespeitosos ou invasivos².

¹ Mais informações sobre o desenvolvimento do Censo podem ser lidas no caderno: Leituras sócio-espaciais.

² Mais informações sobre o nosso processo de aproximação ao Quilombo podem ser lidas no caderno: Assessoria técnica de NÓ(S).

Na segunda etapa, já com a autorização dos moradores confirmada, prosseguimos o contato com um profissional habilitado para pilotar o drone, que no nosso caso foi o Danilo Sena. Ele cuidou da burocracia necessária para que fosse permitido sobrevoar a região da ocupação no bairro de Cassange em Salvador. A etapa 3 consistiu em definir como e para que seria usado o material captado pelo drone. No nosso caso, a demanda principal era de uma fotografia que fosse o mais ortogonal possível para que pudessemos usar como base na produção das cartografias. Finalmente, na quarta e última etapa, aconteceu o voo com o drone e a captação das fotos e vídeos. O drone chamou bastante atenção das crianças da ocupação, que olharam curiosas todo o processo de levantamento do voo, fotografia e vídeo feitos pela aeronave.

FIGURA 2: DANILO INICIANDO O TRABALHO COM O DRONE, DESPERTANDO CURIOSIDADE NAS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO. FONTE: DANIEL MAROSTEGAN. (2021).



Com base no carecimento de um apanhado mais denso de informações da ocupação para iniciarmos trabalhos propositivos e na escolha de fazer com que os processos do grupo fossem ao máximo participativos e buscassem uma desierarquização nas relações, decidimos pela Cartografia Social (KASTRUP, 2012) como forma de fomentar discussões e promover diversas elucidações a respeito do território. Então, desenvolvemos duas atividades cartográficas que tiveram a intenção de entender melhor algumas questões que foram levantadas pelos moradores durante o Censo e também para sanar algumas dúvidas que tínhamos a respeito do território ocupado. Além disso, nossa expectativa era de que a construção coletiva dos mapas pudesse incentivar mais moradores a se mobilizar na luta social e territorial da comunidade.

FIGURA 3: MORADORES CONSTRUINDO O MAPA.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 4: A SURPRESA E CURIOSIDADE DA IMAGEM AÉREA.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 5: IMAGEM AÉREA FEITA PELO DRONE.
FONTE: DANILO SENA. (2021).



CARTOGRAFIA SOCIAL 1

REFERÊNCIAS E HABILIDADES:

ONDE ESTÁ SUA CASA?

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

FOTOGRAFIA DE VISTA AÉREA NÍTIDA,
IMPRESSA NA ESCALA APROXIMADA DE 1:200;

CANETINHAS COLORIDAS PARA FAZER A LEGENDA;

FITAS ADESIVAS COLORIDAS ;

PALITO DE DENTE;

PAPELÃO GRANDE PARA BASE [A IMPRESSÃO É COLADA NO PAPELÃO].

A primeira atividade de Cartografia Social aconteceu no dia 12 de setembro de 2021. Foi uma oficina que tinha como objetivo passar noções básicas de cartografia, como por exemplo o que é uma vista aérea e como localizar itens conhecidos nela. Pretendeu-se estabelecer uma relação de troca com os moradores, que, através de conversas estimuladas e mediadas por nós, fomentaram a troca de informações acerca do território e de suas relações e conflitos. Essa etapa foi essencial para o desdobramento das cartografias e trabalhos dialógicos que foram desenvolvidos posteriormente, devido ao seu caráter formativo e também porque contribuiu na atualização e na construção do acervo de dados levados ao mapa.



FIGURA 6: FERNANDA.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).

Assim que chegamos no quilombo, o grande papel com impressão colorida chamou bastante atenção dos moradores, gerando curiosidade e uma mobilização ao redor daquela estranha imagem. Ao entenderem que era uma foto da ocupação, muitos ficaram encantados com o que viram e alguns deles já começaram a identificar marcos importantes do território, como o portão de entrada e o tanque de água. Nesse momento, ouvimos dos moradores frases que sinalizavam uma surpresa com a quantidade de casas e sua organização no terreno da ocupação e também com a quantidade de vegetação que existe no entorno do terreno.



FIGURA 7: CARTOGRAFIA SOCIAL.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).

Para iniciarmos a atividade, fizemos uma explicação sobre o que era aquela vista aérea, a escala que a imagem estava e como funcionaria a legenda. Nós posicionamos a fotografia exatamente na mesma direção em que está o terreno, sinalizando onde no mapa nós estávamos naquele momento. Para facilitar o reconhecimento, fizemos o exercício do lado de fora do barracão comunitário. É comum o afastamento inicial dos materiais que os técnicos trazem, o medo e/ou vergonha de não saber ou errar. Então, após explicarmos o que era aquilo, logo perguntávamos a quem rodeava de longe, ou se escondia atrás dos mais à vontade: onde está sua casa? Deste modo, fomos quebrando o gelo e ajudando alguns moradores a se localizarem a partir das referências gerais.

Quando a maioria das pessoas já estava familiarizada com a fotografia e uma atmosfera mais amigável tinha sido estabelecida, começamos a fazer a identificação da casa das pessoas que não estavam participando da atividade ou que não estavam presentes na ocupação naquele dia através dos seus familiares e amigos. Depois disso, a partir do que eles apontavam, fomos colocando no mapa vários elementos da paisagem que funcionavam como pontos de referência no dia a dia dos moradores. A palmeira alta, a mangueira e o carro do vizinho que costuma ficar estacionado no mesmo lugar, foram citados com frequência por eles enquanto faziam o exercício de se encontrar dentro do mapa. Em seguida, pudemos identificar os lotes e imóveis que estavam vazios e começar a entender onde estariam localizados, futuramente, atividades comerciais e de serviços.

No processo de identificação dos lotes, foram evidenciados conflitos pela terra dentro dos limites da ocupação. Os moradores nos explicaram que parte do terreno não era considerada integrante do quilombo, embora pudéssemos transitar livremente por lá. Além disso, o mapeamento dos imóveis vazios levantou questões a respeito da ausência de alguns moradores no dia a dia e de como essa situação era desfavorável para os que estavam interessados na consolidação da ocupação.

O desenvolvimento dessa atividade foi muito importante para que os laços entre os assessores e os moradores comesçassem a se firmar. Até então, nossos contatos mais frequentes tinham sido com Sol ou por intermédio dela. Esse foi um dos primeiros momentos em que pudemos ouvir diretamente dos moradores quais eram as suas opiniões a respeito do espaço em que ocupavam, para além do contato com as lideranças. Após a finalização do mapa, registramos o resultado através de fotos e vídeos e deixamos ele à mostra no barracão comunitário da ocupação. Em seguida, fizemos um levantamento das informações que tínhamos conseguido naquele dia e nos preparamos para realizar uma segunda atividade que aprofundou algumas questões que foram levantadas nesse primeiro encontro.

FIGURA 8: RESULTADO DO PRIMEIRO DIA DE CARTOGRAFIA.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



CARTOGRAFIA SOCIAL 2

CARTOGRAFIAS DO LAZER, USOS E DESEJOS

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

BASE CARTOGRÁFICA PRODUZIDA NO AUTOCAD IMPRESSA NA ESCALA DE 1:200;

CANETINHAS COLORIDAS PARA FAZER A LEGENDA;

PAPELÃO GRANDE PARA BASE [A IMPRESSÃO É COLADA NO PAPELÃO].

A segunda atividade de Cartografia Social ocorreu no dia 19 de setembro de 2021 e foi uma oficina de formato semelhante à primeira, ainda com o objetivo geral de passar noções básicas de cartografia porém a partir do produto da atividade passada e abordando outros temas. Nesse encontro, relembramos alguns conceitos que estavam presentes naquela cartografia e, a partir da vista aérea, apresentamos uma outra base, agora apenas com linhas e hachuras desenhadas em AutoCAD. Sobrepondo um papel vegetal sobre a nova base, conversamos sobre os conceitos de escala e de pontos cardeais fazendo paralelos entre o que estava desenhado e a nossa localização dentro do barracão da ocupação, identificando dimensões, a posição do sol, e transferindo essas informações para o mapa.

Como essa nova cartografia era um pouco mais abstrata do que a primeira, fixamos uma ao lado da outra no mesmo papelão, formando uma espécie de díptico, para facilitar associações entre as diferentes bases. Traçamos alguns paralelos entre as principais referências fixas já mapeadas na primeira cartografia (o poço, o tanque, o barracão) e a partir daí começamos a tratar do que seriam espaços coletivos e espaços privados.

Os primeiros dos espaços coletivos a serem pautados foram as ruas. Com canetinhas reforçamos todas elas sobre o papel vegetal, o que auxiliou também na compreensão das quadras e lotes. Com as ruas demarcadas, sugerimos a indicação dos nomes em cada uma delas. Esse foi um processo bastante rico já que poucas ruas tinham nomes estabelecidos e durante a conversa foram surgindo sugestões para novos nomes, essas sugestões se basearam em diferentes referências, como por exemplo a “Rua das Águas” e a “Rua da Mangueira” que buscaram elementos físicos fixos presentes nas ruas, são onde estão localizados o poço e um grande pé de manga, respectivamente. Também ocorreu de nomear uma das ruas com o nome de “Rua da Horta”, manifestando o desejo de criar em um espaço vago uma área de produção de alimentos. Por fim, a rua principal que se conecta com a rua dos cajueiros e dá acesso a todas as outras dentro do quilombo recebeu o nome de “Rua Mestre Dorjão”, referenciando a memória de um importante parceiro de luta que ajudou principalmente no início da ocupação.

FIGURA 9: A CARTOGRAFIA SOCIAL A PARTIR DE UMA BASE CARTOGRÁFICA. FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 10: CARTOGRAFIA SOCIAL FOMENTANDO REFLEXÃO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



A memória também foi referência para demarcação de outros espaços coletivos. A área da praça e do parquinho foi nomeada como “Praça Zumbi do Palmares” criando uma relação com a figura histórica do líder de Palmares mas também com o próprio nome da ocupação “Quilombo Guerreira Dandara”. A praça, assim como o parquinho e a horta, foram cartografados mas são elementos que ainda estão na esfera dos desejos, do planejado. Nesse sentido, ampliamos a conversa para mapear também desejos pessoais, conectando os ofícios e interesses de cada morador. Nesse momento mapeamos os bares, locais que teriam pequenas vendas e equipamentos de som para entretenimento principalmente dos adultos. Também mapeamos as casas de quem costura, de quem faz corte de cabelo e outros tratamentos estéticos, além das casas dos que trabalham com transporte e frete.

Essa atividade teve, sobretudo, um caráter de planejamento futuro do espaço da ocupação. Foi um momento de sonhar junto com o futuro do território já habitado. Ver nascer ali as ideias dos nomes e as sugestões de lugares para cada equipamento desejado nos ajudou coletivamente a dimensionar toda a potencialidade que aquele espaço tem e como é importante fortalecer suas lutas.

FIGURA 11: NÓ(S) MEDIANDO A ATIVIDADE DE CARTOGRAFIA SOCIAL.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 12: MORADORES CARTOGRAFANDO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 13: ATIVIDADE DE CARTOGRAFIA SOCIAL MEDIADA POR NÓ(S).
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como no emaranhado do Rizoma, o nosso trabalho junto à Ocupação Quilombo Guerreira Dandara tem sido uma produção de muitas mãos em que já não se consegue distinguir a nossa atuação de forma independente de outros grupos atuantes como o Grupo de Pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausência (UNEB) - que articula junto ao Quilombo a construção de uma horta comunitária, o Instituto Goethe - que construiu uma fossa ecológica e um banheiro comunitário no Quilombo, o MSTB e os próprios moradores. Todos esses grupos têm trabalhado em apoio um ao outro e muitas vezes em conjunto nas atividades realizadas. Pensar a assessoria técnica independente de um sistema de atuação em redes é, para nós, inviável. Da mesma forma como os movimentos populares precisam estar organizados e articulados para serem ouvidos, nós, como assessores, também devemos estar.

Durante o desenvolvimento das cartografias, Sol chegou a nos dizer que era muito positivo que estivéssemos construindo juntos o mapa da ocupação em um momento em que diferentes grupos atuavam no território. Esse encontro de atuações fez com que, por exemplo, pudéssemos inserir a horta no mapa, dando a mais moradores a possibilidade de opinar sobre onde ela seria implantada. Foram nesses momentos de construção coletiva também que começamos a nos aproximar mais dos moradores e conhecer seus rostos e nomes, bem como onde moravam. Ainda que um contato inicial tenha sido feito com a maioria deles na aplicação do censo, foi durante a produção dos mapas que conseguimos associar uma maior quantidade de informações a respeito de cada um, e entender também o parentesco que existe entre eles.

Mesmo que ainda tímidos, os moradores mostraram bastante interesse em identificar a ocupação a partir da vista aérea. Essa é uma perspectiva muito comum em nosso dia a dia como arquitetos e urbanistas, porém, para muitos deles era um ponto de vista completamente inusitado. Após o término das atividades, nós

fotografamos o conteúdo produzido para passar a limpo e prendemos os mapas no barracão comunitário como uma lembrança também de que o que estávamos desenvolvendo juntos pertencia a eles. Com os mapas presos em um local muito frequentado dentro da ocupação, eles poderiam se aproximar mais vezes da imagem e assim se familiarizar melhor com a nova perspectiva.

Os métodos que foram descritos acima e o conhecimento valioso que nos é passado constantemente por todas as pessoas com que temos nos conectado durante o processo de desenvolvimento da assessoria no Quilombo, têm nos apoiado nesse trabalho que ultrapassa os tempos da academia e nos move em direção a uma assessoria continuada, que abraça os tempos dos assessores e, principalmente, o tempo do campo.

FIGURA 14: MARCAÇÕES ESCOLHIDAS PELOS MORADORES: ONDE ESTÁ SUA CASA?
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



A PARTIR DESSAS EXPERIÊNCIAS, CONSEGUIMOS ENTENDER NA PRÁTICA ALGUNS CONCEITOS DA CARTOGRAFIA SOCIAL DESCRITOS POR POYAYAN [2005, P.6]³:

NA INVESTIGAÇÃO NA CARTOGRAFIA SOCIAL, A COMUNIDADE PARTICIPA DA INVESTIGAÇÃO, APORTA SEUS CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS AO MESMO TEMPO QUE HÁ TROCA. OS MAPAS SE ADEQUAM E FAVORECEM A CULTURA DOS NARRADORES ORAIS, SENDO QUE A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE MAPAS PERMITE A ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA;

A AÇÃO SIGNIFICA QUE O CONHECIMENTO DE UMA REALIDADE PERMITE ATUAR SOBRE ELA. TRATA-SE DE CONHECER A REALIDADE PARA TRANSFORMÁ-LA E NÃO DE INVESTIGAR SÓ PELO PRAZER DE CONHECÊ-LA. NÃO SE TRATA DE QUALQUER TIPO DE AÇÃO OU ATIVISMO, SE BUSCA ANTES DE TODA AÇÃO QUE SE CONDUZA À CONSTRUÇÃO SOCIAL;

A PARTICIPAÇÃO CORRESPONDE COMO PROCESSO PERMANENTE DE CONSTRUÇÃO SOCIAL EM TORNO DOS CONHECIMENTOS, EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS DE TRANSFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO. A PARTICIPAÇÃO DEVE SER ATIVA, ORGANIZADA, EFICIENTE E DECISIVA. A COMUNIDADE DEVE PARTICIPAR DE TODO O PROCESSO INVESTIGATIVO;

A SISTEMATIZAÇÃO É COMPREENDIDA COMO A RECOMPILAÇÃO DE DADOS DE UMA EXPERIÊNCIA, SENDO QUE APONTA SEU ORDENAMENTO AO ENCONTRAR AS RELAÇÕES ENTRE OS ELDS E DESCOBRIR A COERÊNCIA INTERNA DOS PROCESSOS INSTAURADOS NA PRÁTICA. A SISTEMATIZAÇÃO DEVE SER UM ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA APREENDER A REALIDADE E TRANSFORMÁ-LA; PERMITE DIMENSIONAR ESSES CONHECIMENTOS DADOS E PRÁTICAS VISANDO ATINGIR UM SUSTENTÁVEL DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

FIGURA 15: CARTOGRAFIAS EXPOSTAS NA PAREDE DO CENTRO COMUNITÁRIO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



³ Tradução direta de Nátane Oliveira da Costa, Adryane Gorayeb, Pedro Ricardo Oliveira Paulino, Licia Benicio Sales e Edson Vicente da Silva, em: Cartografia Social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: Reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. V CBEAGT, 2016. pp. 73-86.

FIGURA 16: MORADORES PARTICIPANDO DA ATIVIDADE DA CARTOGRAFIA SOCIAL.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



FIGURA 17: MONIQUE, TEREZA E DONA JANDIRA NA ATIVIDADE DE CARTOGRAFAR.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S). (2021).



REFERÊNCIAS

ARRUDA, Guilherme Ferreira de. **Pedagogia sócio-espacial para democracia radical [manuscrito] : uma experiência mediada por interfaces em Glaura.** Tese de Doutorado. UFMG, Escola de Arquitetura. 2021.

Asociación de Proyetos Comunitarios – POPAYAN. **Territorio y Cartografía Social. Proyecto: Fortalecimiento de las organizaciones pertenecientes a la asociación de proyectos comunitarios.** a.p.c. 2005. p.1-9. Disponível em: http://www.rutapedagogicaamigoniana.org/documentos/materiales/Modulo_0_Territorio.pdf .

Barros, L.P., & Kastrup, V. (2012). **Cartografar é acompanhar processos.** In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-75). Porto Alegre: Sulina.

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. **Assessoria Técnica com interfaces.** In: IV ENANPARQ, 2016, Porto Alegre. IV ENANPARQ: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Estado da arte. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2016. v. 1.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Mil platôs.** v. 1. Ed. 34. Rio de Janeiro: Letras.

GIANNELLA, V., & BATISTA, V. L. (2013). **Metodologias Integrativas: Tecendo Saberes e Ampliando a Compreensão.** Revista Interdisciplinar De Gestão Social, 2(3).

Passos, E., & Benevides de Barros, R. (2012). **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp.17-31). Porto Alegre: Sulina.

Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Org.) (2012). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina.

Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (Org.). (2014). **Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum.** Vol. 2. Porto Alegre: Sulina.

SOUZA, S. R. L. & FRANCISCO, A. L. **O Método da Cartografia em Pesquisa Qualitativa: Estabelecendo Princípios... Desenhando Caminhos...** . Atas CIAIQ2016. *Investigação Qualitativa em Saúde//Investigación Cualitativa en Salud.* Volume 2. 2016, p 734 - 743

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

THIOLLENT, Michel. **Notas para o debate sobre pesquisa-ação.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.